

Seção Especial 15 anos

Motrivivência Ano XV, Nº 20-21, P. 27-56 Mar./Dez.-2003

**“O QUE NÃO ME MATA, ME DEIXA MAIS VIVO”:
a revista Motrivivência e a indicação de
parâmetro teórico-metodológico para a
Educação Física brasileira**

Celi Zülke Taffarel¹
Amália Catharina Cruz²
Cristina Paraiso³
David Romão Teixeira⁴
Silvana Rosso⁵

Resumo Abstract

Análise crítica da Revista MOTRIVIVÊNCIA situando-a no contexto mais geral da produção do conhecimento científico & tecnológico no modo de produção capitalista, a partir de três fontes de dados, concluindo-se pelo reconhecimento de sua contribuição teórico-metodológica na perspectiva reflexiva crítica que deverá ser aprofundada.
Palavras-chave: Motrivivência; periódico científico; produção e circulação do conhecimento

Critical Analysis of Magazine MOTRIVIVÊNCIA pointing out it in the context most general of the production of the scientific & technological knowledge in the way of capitalist production, from three sources of data, concluding itself for the recognition of its contribution theoretician-methodology in the critical reflective perspective that will have to be deepened.
Keywords: Motrivivência; periodic scientific; production and circulation of the knowledge

Apresentação

O presente texto trata da Revista MOTRIVIVÊNCIA, discutindo sua contribuição na definição de parâmetro teórico-metodológico para a educação física. Insere-se entre os estudos que investigam o processo de editoração de revistas, os conhecimentos veiculados e suas indicações teórico-metodológicas. Como questões investigativas nos perguntamos sobre as contribuições da revista na formulação de parâmetro teórico-metodológico para o ensino e a pesquisa, da educação física brasileira. A hipótese investigativa é que as contradições localizadas na revista como, falta de rigor científico, periodicidade, normalização, financiamento, refletem a situação em que se dá o desenvolvimento científico & tecnológico em um país cuja soberania está ameaçada, os serviços públicos em franca decomposição, os salários aviltados, sendo necessária a resistência à destruição, pela construção da cultura socialista, que também se expressa na linha editorial da revista, na perspectiva de consolidar uma ampla base nacional educacional, científica & tecnológica com padrão unitário de qualidade. Utilizamos três fontes de dados: entrevista com o próprio editor, análise das seções e, como fonte secundária, as contribuições dos estudos sobre períodi-

cos científicos da educação física no Brasil. Discutimos os dados no contexto das relações estabelecidas entre a estrutura produtiva, as classes sociais e o Estado no capitalismo, observando como os interesses de ordem econômica, política e ideológica, referentes às classes e segmentos sociais, são intermediados pelo Estado e refletem na produção, absorção e acesso à ciência & tecnologia reproduzindo-se, não mecanicamente, mas com mediações, no âmbito da editoração da revista. Constatamos que a revista mantém a sua periodicidade, muito mais em função da persistência e da tenacidade do editor fundador do que de incentivos públicos para a socialização do conhecimento científico. No modelo do capital a ciência ainda é privilegio de poucos, produzida socialmente, mas apropriada privadamente. Os conhecimentos veiculados na MOTRIVIVÊNCIA indicam uma perspectiva crítica pelas abordagens privilegiadas nos conteúdos apresentados, na identificação de categorias teóricas e, na citação de referências bibliográficas, o que nos permite reconhecer que a mesma defende parâmetros teórico-metodológicos localizados nas abordagens epistemológicas da fenomenologia e hermenêutica, predominantemente e, na dialética materialista histórica, com menos ênfase. A referência na teoria peda-

gógica é a reflexiva crítica. Concluímos que as dificuldades na manutenção da revista refletem em si o que está para além dela, que são as determinações históricas que subordinam o trabalho ao capital, as nações ao imperialismo e, o Estado às políticas neoliberais de caráter minimalista, destrutivas e privatizantes. A isto e suas expressões resiste-se no interior de uma revista científica. Recomendamos que a revista deve continuar existindo, recorrer a recursos públicos para a sua editoração, aprofundar as discussões rigorosas sobre parâmetros teórico-metodológicos, deixando clara a sua linha editorial que aponta para a superação da sociedade de classes e a construção da cultura socialista.

Desenvolvimento

Manter um periódico em circulação durante quinze anos, defender parâmetros teórico-metodológicos reflexivos críticos, veicular o conhecimento científico representa, no Brasil, um desafio enorme e uma demonstração de tenacidade muito grande. Significa enfrentar três problemas que estão

inviabilizando as publicações: o poder aquisitivo dos trabalhadores que vem se deteriorando paulatinamente, o que pode ser verificado nas pautas de reivindicações salariais; os baixos e insuficientes investimentos em ciência & tecnologia e, ainda, a capacidade de produção dos pesquisadores e de suas instituições de pesquisa, principalmente as públicas severamente atingidas pelo processo de desmonte do Estado, privatizações e destruição dos serviços públicos.

A redução de aproximadamente 58%⁶ dos investimentos em educação superior, nos últimos anos, e a redução de 50% nos recursos para investimentos na área de Ciência & Tecnologia, a extinção, fusão ou não criação de órgãos/secretarias de fomento e amparo à pesquisa nos Estados Brasileiros, os recursos não repassados, contingenciados e não disponibilizados em montantes suficientes para atender demanda nacional junto à CAPES e ao CNPq, são evidências de uma política destruidora. O Brasil está em desvantagem nas relações internacionais do trabalho, considerando os parâmetros Educação e Ciência & Tecnologia.

Ciência e economia

As inegáveis relações entre ciência & tecnologia e economia tornam-se visíveis a cada tremor econômico e financeiro que vem abalando tanto países que constituem o G7, quanto países ditos “em desenvolvimento”. Para exemplificar, podemos mencionar os Estados Unidos, que apesar de sua “prosperidade” vem aumentando suas desigualdades sócio-econômicas, paradoxo que injeta fragilidade na sociedade norte-americana. Uma das explicações para o paradoxo americano, apresentada por WILLIAM LAZONICK, pesquisador do Centro de Competitividade Industrial da Universidade de Massachussets e pesquisador visitante do “Insead Euro-Asia Center”, diz que a inovação tecnológica está concentrada⁷. Investe-se em nichos tecnológicos, num mundo onde a competitividade depende cada vez mais da existência de capacidade educacional e científica em grande escala. Investir, portanto, na existência de uma capacidade educacional e científica em grande escala, significa, fomentar um lastro nacional de educação, ciência & tecnologia de base e caráter

público, de interesse público, em todos os níveis, graus e em todo o território nacional. Isto exige a defesa de um padrão unitário de qualidade nacional e não o fomento de centros de excelência que ampliam e aprofundam disparidades e desigualdades.

As desigualdades no mundo, acentuadas dia-a-dia, estão evidentes nos relatórios apresentados pelas Nações Unidas – PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mundial evidencia: os ricos estão mais ricos e os pobres mais pobres. Conclusão, nos anos em que se radicalizou a internacionalização do capital o mundo se tornou mais desigual, pobre, injusto e violento. Quanto aos dados referentes à ciência, nos relatórios das Nações Unidas, a revista científica britânica “Nature” (www.nature.com) publicou um texto de autoria de David King, o principal assessor científico do governo do Reino Unido, no qual são apresentados dados que evidenciam que apenas 31 países estão representados no 1% dos mais importantes artigos científicos, aqueles que foram os mais citados por outros cientistas. Há várias manei-

ras de medir a produção científica dos países e seu impacto geral na ciência, nenhuma das quais é perfeita. Um artigo pode ser muito citado por outros cientistas por estar totalmente errado, por exemplo. Mas, em geral, e em grandes conjuntos de dados, quanto mais citado, mais impacto tem uma pesquisa. King fez comparações entre a produção de artigos desses 31 países mais significativos na ciência mundial. O grupo dos 31 responde por 98% dos artigos mais citados de todos -1% da produção total de artigos. Os outros 162 países do planeta contribuíram com os 2% restantes. Conclusão de King "As nações com mais citações estão se distanciando do resto do mundo". É o caso dos oito países mais ricos do mundo, o grupo conhecido como G8 - com exceção da Rússia, cujo investimento em ciência caiu desde o fim da União Soviética. Conclui King "sobreviverão os mais aptos". Portanto, o lastro nacional de desenvolvimento educacional, científico & tecnológico exige o desenvolvimento da ciência, sua produção, veiculação, o que significa fomentar organismos de socialização, divulgação científica, como é o caso da

Revista em Estudo - MOTRIVIVÊNCIA, porque permite o acesso ao conhecimento produzido, sem o que, acumula-se o poder e as desigualdades.

A revista MOTRIVIVÊNCIA⁸, em seus 15 anos de existência, vem discutindo parâmetros teórico-metodológicos para a educação física, situados em uma perspectiva reflexiva crítica, opondo-se à concentração de riquezas, sejam elas materiais ou não. Tal linha editorial, não comum em revistas da área, encontrou dificuldades em se manter, entre as quais as dificuldades de financiamento público. Sem periódicos críticos de circulação nacional compromete-se a intenção do desenvolvimento de uma ampla base nacional de desenvolvimento educacional, científico & tecnológico, baseado no padrão unitário de qualidade. Na seqüência, apresentaremos argumentos a respeito desta tese, bem como a respeito da relevância social do conhecimento veiculado pela MOTRIVIVÊNCIA, cujo perfil viabilizou que conhecimentos críticos, questionadores, fossem divulgados nacionalmente.

A base de competência educacional, científica & tecnológica

em grande escala pode ser a diferença entre a vida e a morte num mundo onde ciência & tecnologia representam força produtiva, política e ideológica. Estudos empíricos realizados em centros de pesquisa universitária e não universitária sobre a produção e apropriação social da pesquisa explicitam as relações e mediações entre a ciência & tecnologia e a infra e super estrutura das sociedades capitalistas (SOBRAL, 1986)⁹. A ciência & tecnologia, como já evidenciava Marx (1978, p. 101-125), são resultantes da lei geral da produção e, como forças produtivas, também sedimentam as relações de produção vigente.

A hierarquia científica mundial

Em dados de relatórios das Nações Unidas e em conferências mundiais da ciência é constantemente evidenciada e denunciada a predominância da tríade Estados Unidos, Japão e Europa - destacando-se a Alemanha, na hierarquia científica mundial. Estes três países são responsáveis por mais de 90% da produção científica, representados por uma população de 20% da hu-

manidade. Os demais países, onde vivem 80% da população mundial, participam no processo de produção do conhecimento com menos de 10%". Os países em desenvolvimento são responsáveis por apenas 2% das inovações tecnológicas produzidas anualmente, correspondendo a 0,02% da contribuição da América Latina.

Quanto à aplicação de percentuais do PIB em Ciência & Tecnologia, podemos constatar que entre os latino-americanos, Cuba aplica 1,2%, Brasil 0,76%, Chile 0,63%, Argentina 0,38%, Bolívia 0,34%, e Panamá, 0,11%. Evidencia-se a relação entre a produção científica e os investimentos estatais. Acentua-se aí a propensão à dependência dos grandes centros de produção do conhecimento. O Banco Mundial, constantemente, nos Relatórios sobre o Desenvolvimento Mundial, justifica os desníveis e fossos entre nações, alegando que o problema é em decorrência das pessoas e as nações terem menos conhecimentos. Verifica-se, pelos dados de pesquisas, que nas relações sociais capitalísticas a Ciência & Tecnologia pode ser analisada e assume três dimensões: a) força produtiva – a ciência como produto his-

tórico das relações de produção; b) dominação política - legitimando o poder político, servindo para a contenção das transformações sociais e; c) ideologia - por dissimularem o caráter econômico e político das regras aparentemente técnicas que orientam as decisões do Estado, dificultando a conscientização das classes e a problematização dos reais fundamentos do poder.

Os fatos demonstram que ciência & tecnologia são vulneráveis aos seguintes fatores: o financiamento especulativo; aos limitados sustentos estatais; pela crise fiscal; pela dívida pública; pelo endividamento externo; pelas privatizações e; pela destruição dos serviços públicos. As inovações científicas & tecnológicas pressupõem o financiamento público e, em grande escala. O déficit fiscal, as privatizações, o pagamento da dívida externa, introduzem pesadas barreiras. Aplica-se 0,7% em ciência & tecnologia, quando o indispensável seria em torno de 3 a 4% do PIB.

No campo específico do Esporte¹⁰, constata-se, por exemplo, que os investimentos de municípios, estados e união não correspondem a 0,2% do PIB. O fato

é que, segundo denúncia do secretário da Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo, Lars Schmidt Graef¹¹, não há no Brasil nenhum Estado da Federação que invista pelo menos 1% de seu orçamento no esporte. A média estadual é de 0,2% dos orçamentos, enquanto o investimento do governo federal no Ministério do Esporte oscila na base de 0,02%.

São considerados exemplos positivos no Brasil, no Estado de São Paulo, os municípios de Sertãozinho, que investe 6%, e o de São Caetano, que investe 4,2% do seu orçamento, o que gera resultados que põem as duas cidades entre as de maior IDH do país e da América Latina.

As iniciativas tanto dos governos de Fernando Henrique Cardoso quanto do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva é privatizar, é o investimento da iniciativa privada, tanto na educação, quanto no esporte e na ciência & tecnologia. As privatizações foram concebidas como uma saída ao capital tendo em vista os obstáculos impostos à acumulação pela crise fiscal. É o principal negócio da década, mas representam um pilar frágil da carência

de suporte financeiro estável para o processo de desenvolvimento científico & tecnológico e para as inovações, além de representar o dilapidamento do patrimônio público, patrimônio dos trabalhadores, destruição de serviços públicos, via pela qual as inovações tecnológicas podem ser socializadas, principalmente nas áreas sociais - saúde, educação, esporte, lazer, habitação, saneamento básico, transporte, reforma agrária, produção e distribuição de alimentos, através de políticas sociais planejadas de acordo com as necessidades e reivindicações das amplas massas.

O desenvolvimento em Ciência & Tecnologia implica, portanto, a existência de grandes volumes de capitais disponíveis para financiar investimentos produtivos, que vêm também de setores especulativos e voláteis da economia. Os fundos atraídos pela esfera especulativa¹² alcançaram magnitude sem precedentes. Estes capitais são fontes de financiamento do processo de inovações e introduzem um fator de vulnerabilidade e

desestabilização na mudança tecnológica e representa a fragilidade de todo o financiamento que sustenta o investimento em inovações. A mudança é mais veloz e generalizada, mas tornou-se mais sensível à explosão de qualquer bolha financeira.

Ciência e estado

Os balanços críticos, sérios e responsáveis demonstram que a política do desmonte do Estado materializa-se na área de Ciência & Tecnologia através da retirada de investimentos e desmantelo das fragilizadas agências de financiamento¹³. As agências nacionais estão com recursos cada vez mais limitados frente a demanda, sejam elas federais – CAPES, CNPQ -, sejam elas estaduais - Fundações de Amparo a Pesquisa.

Os últimos governos no Brasil, junto com o FMI e Banco Mundial, vêm formulando políticas públicas subalternas e ameaçam a soberania da nação. As repercussões desta política de desmonte são fa-

tais para as Instituições de Ensino Superior¹⁴. Representam concretamente a morte das possibilidades de um amplo lastro nacional de competência educacional, científica & tecnológica, a partir de interesses públicos.

Os avanços científicos & tecnológicos nos anos 90 são inquestionáveis, mas estão associados ao aumento da exploração e da pobreza. Iniciou-se um salto qualitativo na utilização de novas tecnologias no conjunto da economia, mas isto ocorre com o incremento da precarização do emprego, a polarização social e o desemprego estrutural. O fator central é a extração da mais-valia e não contribuições ao progresso da civilização, ampliação de bem estar e direitos, alívio do trabalho, com diminuição da jornada. Isto está acompanhado de aumento na produtividade e reduções salariais o que revela a inconsistência das reclamações dos capitalistas. A introdução de tecnologias vem acompanhada pela exploração que é evidente na mobi-

lidade do capital para regiões que oferecem mão-de-obra barata. O desemprego constitui o principal traço universalmente associado ao surgimento de novas tecnologias, mas a mudança tecnológica não entraña o aumento do desemprego, como erroneamente acreditavam os operários na alvorada do capitalismo, o que os levava a destruírem as máquinas. O desemprego não é tecnológico. As leis do capitalismo é que pressupõem o desemprego, qualquer que seja a intensidade da mudança tecnológica. O que tem relação é o aumento da produtividade, a produção e o consumo que vêm aumentando em ritmo baixo. Portanto, mudança tecnológica impulsionada e orientada pela taxa de lucro atua como um instrumento de opressão social. A generalização decorre sob o impacto da internacionalização, caráter central do processo econômico recente. Formam-se os grandes blocos econômicos e elaboram-se as leis do comércio que destroem direitos e conquistas e violentam as constituições

nacionais, colocando em risco a noção de estado soberano.¹⁵

As conseqüências econômicas e sociais trágicas do atual sistema de relações sociais capitalistas podem ser confirmadas nos dados das pesquisas apresentadas por GEORGE (1995)¹⁶, a partir das investigações do Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social. O sistema acentuou desigualdades no seio das sociedades ricas e pobres, aumentou disparidades (abismo) entre regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas, provocou desemprego maciço e insegurança para a maioria das populações.

GEORGE (1995,p.50) aponta o paradoxo do sistema atual:

“Surpreendente paradoxo: tornou-se urgente, talvez vital, a

necessidade de se proteger o mercado, de impedi-lo de se auto - destruir. Seu comportamento aberrante, já que não controlado, pode mergulhar a humanidade em um caos financeiro generalizado...o perigo de um caos financeiro generalizado”....(Susan GEORGE, socióloga americana, especialista em Dívida Externa dos Países de Terceiro Mundo).

Esta urgência pode ser confirmada nos ajustes dos planos. Podem ser confirmados também em análises rigorosas sobre os ciclos clássicos de crise do capital, a saber: a crise de superprodução, estreitamento do aparelho produtivo, destruição das forças produtivas, relançamento da produção e reconquista do mercado, e por fim, o ele-

mento dominante da fase atual que é o parasitismo econômico e a especulação. Esta é a situação qualitativamente nova, mas que já havia sido detectada e anunciada por ENGELS, em seu prefácio à edição inglesa de "O Capital", em novembro de 1886. Os problemas com a destruição da natureza, que hoje estão evidentes na destruição dos ecossistemas, na perda do capital natural, os problemas da disseminação de doenças ou perda de fertilidade, o problema dos custos sociais e ambientais dos dejetos industriais, dos conflitos gerados e sustentados pelo endividamento, não são dissociados. Isto pode ser perfeitamente detectado pois que, dos 75 países implicados em guerras há dez anos, três quartos estão endividados. Relacionam-se com a reconstituição do capitalismo para manutenção de taxas de lucros. Relacionam-se com a fase do imperialismo senil em marcha para a desagregação do mercado mundial. Portanto, a incapacidade do capitalismo em abrir um futuro à humanidade pode ser verificada pelos fatos. Prossegue e agrava-se o declínio das forças produtivas neste sistema baseado na propriedade privada dos grandes meios de produção.

Ciência, trabalho humano e soberania

As novas tecnologias gerenciais, empresariais, informa-

cionais, computacionais, robóticas, etc. estão sujeitas e desenvolvem-se no bojo da dimensão crucial dos limites do capital e do seu desenvolvimento, que traz em si o espectro de destruição dos postos de serviço - desemprego estrutural - precarização (flexibilização) do trabalho, abolição de direitos sociais duramente conquistados pela classe trabalhadora, processo que se dá conjugadamente pelos avanços do imperialismo que amplia desenvolvimento desigual e pelo monopólio privado da ciência e tecnologia. A nova base tecnológica permite deslocamento de investimentos produtivos de uma para outra parte do mundo para buscar vantagens nas taxas de lucro e, ainda, aumenta exponencialmente a intensidade do capital morto e conseqüentemente diminui o capital vivo - força de trabalho. Com estas armas está sendo desmobilizada e destruída a organização sindical que se vê forçada a negociar direitos e conquistas por uma garantia mínima de emprego, ampliando-se as possibilidades de super-exploração da força de trabalho. Perdem-se irreversivelmente postos de trabalho, frente a perda de capacidade financeira dos estados nacionais e pelo desmonte dos estados sob a égide das reformas neoliberais.

Outro fato relevante é que os maiores exemplos de inovações contemporâneas concentram-se na economia militar. São extremamen-

te significativos o volume e a incidência econômica na economia armamentista, pois todas as inovações significativas das últimas décadas foram inicialmente concebidas na órbita militar. O ramo monopoliza entre 20% a 30% dos pesquisadores, cientistas e engenheiros e absorve 2/3 da totalidade do orçamento de pesquisa da principal potência mundial. Nos campos de maior inovação recente – eletrônica, aeronáutica, aeroespacial – o uso militar foi preponderante. Os circuitos integrados e os semicondutores foram desenvolvidos para satisfazer pedidos do Pentágono. Os modelos de avião civil foram precedidos pelos aviões militares; os satélites de comunicação derivam de programas da NASA. Das inovações sofisticadas como computadores, transistores, às mudanças triviais todas derivam do uso militar prévio. A microeletrônica desenvolve-se a partir de problemas de balística, radares, detecção submarina, trajetórias de mísseis e armas atômicas. As máquinas ferramentas de controle numérico aparecem para ajustar a precisão de peças aeronáuticas. A energia nuclear proveio da utilização bélica. As principais mudanças na organização e gerenciamento do processo de produção foram extraídas da esfera militar, o taylorismo, os métodos de pesquisa operacional, a gestão de estoques, a codificação do learning

by doing, os programas recentes de incremento da produtividade (mantech) tiveram respaldo na economia armamentista. A explicação dessa monumental concentração de inovações no terreno militar decorre pelo resguardo financeiro do orçamento do Estado, por exemplo o “Projeto Manhattan” da bomba atômica. Os grandes empreendimentos atômicos, navais ou aeronáuticos estão rigorosamente orientados pelo Estado. Os parâmetros de inovações são fixados pelas classes capitalistas dominantes que determinam o que deve ser apresentado como tecnologicamente conveniente, mediante filtros sociais, econômicos e políticos. Isto constitui uma extraordinária fonte de acumulação, financiada por toda a sociedade, e uma forma privilegiada de subvenção da mudança tecnológica. Se os regimes de acumulação fossem desmilitarizados, ninguém custearia o capitalismo. A indústria militar é o principal campo de inovações porque funciona como um setor privilegiado para os investimentos: absorve capitais excedentes, goza de uma demanda cativa e assegura uma elevada taxa de lucros para os contratantes.

Uma das evidências históricas do declínio da produção capitalista é que esta valorização do capital se potencialize no setor mais destrutivo da economia – a indús-

tria bélica. A integração da ciência à tecnologia na esfera militar é qualitativamente superior à existente no meio civil, por não estar diretamente sujeita a concorrência e por operar sob a supervisão do Estado. Isto revela a dependência do capitalismo da economia armamentista, para assegurar sua continuidade. A rivalidade pelo lucro é a essência da economia de mercado e impede à civilização emancipar-se dessa selvageria pré-histórica chamada guerra. O orçamento militar dos Estados Unidos da América para 2005 é de US\$ 417 bilhões, o maior orçamento militar em tempos de paz. Na cerimônia em que assinou a lei de aumento com gastos militares, o presidente George W. Bush afirmou "Nenhum inimigo ou amigo pode duvidar de que os EUA têm os recursos para vencer, e venceremos."

Enquanto no Brasil leiloam-se reservas petrolíferas, impõe-se um violento arrocho salarial, desmonta-se a universidade pública, atingindo um dos setores responsáveis pela consolidação de um consistente lastro nacional de educação, ciência & tecnologia. Com isto compromete-se a soberania nacional.

Ciência e a educação

Assim como ciência & tecnologia devem ser vistas no quadro da crise histórica mais profunda do capitalismo, como uma tentativa extrema do capital de se adaptar

às condições de sua própria crise e , ao mesmo tempo, de sair dela através do único método que o capital conhece: a recomposição da taxa de lucros por meio do aumento da mais-valia, ou seja, por meio do aumento da exploração do proletariado, a editoração de uma revista, como é o caso da MOTRIVIVÊNCIA, deve ser contextualizada no quadro da sociedade capitalista. Sua linha editorial, suas seções, sua orientação teórico-metodológica, sua orientação pedagógica.

Desde o início do século a forma de organização do capitalismo vale-se da educação e da ciência & tecnologia. O taylorismo (tarefas simples e repetidas), o fordismo (linha de montagem), o fordismo-keynesiano (intervenção do estado na economia) a globalização ou mundialização da economia capitalista (desregulamentação, ajustes estruturais, reformas, abertura da economia nacional), o toyotismo ou acumulação flexível (organização da produção flexível de acordo com a demanda) representam no âmbito da organização do trabalho, o emprego de tecnologias, que assumem o caráter de força produtiva porque alteram significativamente o processo de trabalho e as relações entre capital e trabalho. As tais organizações do trabalho corresponderam projetos de escolarização.

A sonogação à educação pública gratuita e de qualidade socialmente referenciada e a frag-

mentação da ciência são fatores impulsionadores do rumo à barbárie porque acentuam a alienação humana. A tendência dos cientistas a fragmentação, reflete a própria tendência à fragmentação da produção, para o crescimento desordenado da divisão social capitalista do trabalho. A sonegação do conhecimento científico - métodos e produtos - e, a destruição da base de produção de ciência & tecnologia que é educacional, evidenciam os interesses de classes antagônicas em confronto. Isto não significa a emancipação da ciência da filosofia, mas sua colocação a serviço da pior das filosofias, sua submissão às idéias dominantes de uma época, às idéias da classe dominante. A realidade não é neutra, está dividida entre os interesses de classe inconciliáveis, onde a pressão imediata é exercida pelos interesses da classe dominante. Sob o capitalismo, esta contradição determina o vetor do conhecimento científico. Determina o que deve ser estimulado, produzido, veiculado.

A ciência e a educação são dois aspectos de um único processo histórico e está vinculado ao desenvolvimento da força de trabalho. A sonegação/negação do conhecimento científico - seus métodos e produtos -, nas escolas públicas, sob o financiamento do Estado, a destruição da Universidade Pública,

base do melhor Sistema de Ciência & Tecnologia da América Latina, denunciam estes interesses de manutenção da exploração máxima.

Com base em tais fatos reconhecemos que o uso proveitoso da ciência requer a emancipação do trabalho assalariado da dominação despótica do capital. No capitalismo, prevalece o baixíssimo investimento na ciência quando os objetivos são prioridades sociais, mas de baixa rentabilidade, como a eliminação da pobreza, da fome, ou da insatisfação do trabalho, mas continuam super, mega investimentos em tecnologia com propósitos bélicos ou na destruição econômica dos concorrentes. A mudança científica governada pelo mercado é parte da pré-história do gênero humano. O uso das novas tecnologias na economia globalizada pressupõe a planificação internacional do processo geral de inovações. A mudança tecnológica orientada pelo lucro implica em descontrole social que ameaça a sobrevivência do meio ambiente, das forças produtivas e da sociedade. A destruição ecológica é o exemplo mais contundente da imperiosa necessidade de uma planificação mundial da inovação, incapaz de se materializar sob o capitalismo.

A este respeito FORRESTER (1997, p. 144) defende que:

“(…) Não se trata de negar, de recusar a mundialização o surto das tecnologias, que são fatos, que poderiam ser animadores, não só para as “forças vivas”. Trata-se, pelo contrário, de levá-los em consideração. Trata-se de não ser mais colonizado. De viver com conhecimento de causa, de não aceitar mais tacitamente as análises econômicas e políticas que passam por cima de fatos, que só os mencionam como elemento ameaçadores, obrigando a medidas cruéis, as quais se tornarão ainda piores se não forem aceitas com toda a submissão (…).”

A aplicação proveitosa da ciência, segundo o que aponta a histórica luta da classe trabalhadora e as análises de estudiosos no campo socialista como Mészáros (2003) apóia-se em quatro pilares: a) planificação, b) democracia, c) cooperação internacional, d) abolição paulatina do mercado. Planificação sob os auspícios das reivindicações dos sujeitos históricos que estabelecem as prioridades da maioria da população, que em suas organizações operárias expressam a vontade dos trabalhadores. A substituição do mercado pela planificação é um processo paulatino que exige uma dinâmica de inovação adaptada ao ritmo desta renovação. Com estes alicerces socialistas será possível aplicar de forma genuína e eficaz o processo inovador de criação da ciência com perspectivas dignas de vida para toda a humanidade.

A ciência em revistas

Como todos os bens em uma sociedade humana complexa e contraditória como a nossa, a ciência é produzida e isto significa que entra em relações de produção. Estas relações de produção historicamente determinam o que vai circular e para quem com que propósito. Isto é identificável em todas as áreas de conhecimento. A luta para que as informações e o conhecimento científico circulem amplamente, sejam, enfim, socializados, para poderem cumprir seu caráter revolucionário, é difícil e complexa. Periódicos aparecem, desaparecem, não se mantêm, enfrentam dificuldades, as superam ou não de acordo com os interesses dominantes. Vamos nos valer da área de educação física para apresentar resultados de análises sobre revistas.

Amarílio Ferreira Neto, ao estudar os principais problemas enfrentados na editoração de periódicos científicos no campo da Educação Física, buscou gerar subsídios para desencadear um debate na área. Afirma que a avaliação da produção científica das diversas áreas possibilita identificar seu estágio de desenvolvimento, produção e impacto sobre a comunidade científica. Ferreira Neto desenvolveu um instrumento e o testou na Revista Brasileira de Ciências do Esporte e,

posteriormente, com mais onze periódicos da área que lhe permitiu traçar um quadro geral da situação das revistas no que diz respeito à sua adequação aos critérios formais estabelecidos nacional e internacionalmente, e levantar questões relacionadas à sua editoração. O instrumento modificado foi apresentado em artigo na Revista Movimento, v. 8, n. 2, p. 35-49, maio/ago. 2002. As revistas avaliadas foram : Revista Paulista de Educação Física, Movimento, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Motriz, Motus Corporis, Licere, Pensar a Prática, Revista Mineira de Educação Física, Motrivivência, Revista de Educação Física da UEM, Corporis. Os relatórios de avaliação encontram-se disponíveis na página do PROTEORIA (www.proteoria.org). Os resultados da análise foram apresentados no I Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte do Espírito Santo, 2002.

Quanto ao papel dos periódicos científicos no contexto da Ciência, Ferreira Neto concluiu que o crescimento da Ciência influencia diretamente a comunicação científica, de forma que se pode pensar a circulação dos conhecimentos gerados pela Ciência como atividade inerente à sua própria concepção. Afirma que só cabe à pesquisa reivindicar este nome quando houver sido analisada e aceita pelos pares. Rela-

ciona a pesquisa com a comunicação, destacando que não basta pesquisar é preciso divulgar. Ressalta que as revistas cumprem o papel de registro público do conhecimento, estabelecimento da "Ciência certificada", isto é, do conhecimento que recebeu aval da comunidade científica, registro da autoria da descoberta científica, indicador de performance acadêmica do pesquisador, arquivo ou memória científica e canal de disseminação da informação por meio dos serviços de index e bibliotecas. Destaca também o papel da comunidade científica nas avaliações, absorção dos conteúdos veiculados em revistas, nas funções de edição, avaliação. A revista científica depende da existência de mercado, de infra-estrutura para distribuição, recuperação e acesso às informações. As dificuldades enfrentadas pelas revistas nos dizem das barreiras existentes e que comprometem a transferência do conhecimento. Ainda segundo Ferreira Neto, o periódico científico para ser considerado de boa qualidade, precisa publicar bons artigos, manter sua periodicidade e ser facilmente encontrado. Ferreira Neto nos demonstra o emaranhado de articulações e interdependência que existe para se manter um periódico em circulação. A qualidade de artigos, regularidade na publicação e facilidade de acesso possibilitam a inclusão

do periódico em bases de dados internacionais e aumentam a sua visibilidade. A visibilidade aumenta as chances de citação. O financiamento é mais acessível aos periódicos que publicam bons artigos, indexados e citados, ou seja, que têm boa reputação. A boa reputação se mantém com o rigor da seleção dos artigos. O rigor da seleção só pode ser aplicado onde há boa afluência de artigos. Mas a boa afluência de artigos depende de todo o resto. Como problema Ferreira Neto aponta, também, a dispersão de artigos, o alto custo, a falta de infraestrutura para captação de artigos originais, a formação deficiente do corpo editorial e distribuição deficiente. No Brasil, a situação é agravada pelos problemas de normalização, falta de apoio institucional e de recursos financeiros, descontinuidade de suas edições e ausência de recursos humanos capacitados na área, com o conseqüente amadorismo presente em sua editoração. A avaliação das doze revistas possibilitou a Ferreira Neto traçar um quadro geral das publicações. Permitiu também evidenciar que as publicações padecem de profissionalismo, desde a produção dos artigos até a distribuição, passando pela editoração. Das doze publicações avaliadas, duas foram classificadas como de nível B, três de nível C, quatro de nível D e duas

de nível E. O instrumento utilizado para a avaliação das revistas permite a classificação quanto ao desempenho em um conjunto de cinco variáveis: normalização (25%), distribuição (5%), periodicidade (12%), indexação (15%), difusão (3%) e colaboração de autores e divisão de conteúdos (40%). As revistas classificadas como de nível A obtiveram desempenho igual ou superior a 91%, as de nível B entre 71% e 90%, as de nível C entre 51% e 70%, as de nível D entre 31% a 50% e as de nível E desempenho igual ou inferior a 30%.

Portanto, para serem incluídos em grandes bases de dados os periódicos da educação física no Brasil devem ser normalizados de acordo com os padrões adotados nacional e internacionalmente. Para Ferreira Neto o problema mais difícil de ser resolvido é fazer avançar o atual estágio das publicações no que se refere ao seu envolvimento com a comunidade científica por meio de uma melhor relação entre editores, conselho editorial e autores. Por isto recomenda que as revistas estabeleçam uma política editorial, com orientação clara de conteúdos, temas e linhas de pesquisa abordadas, já que, no meio científico, essa definição funciona como um filtro de qualidade no processo de seleção dos artigos e informa o tipo de pesquisa que é aceita para publicação, refletindo a identidade da revista. A

definição de uma política editorial envolve diretamente a criação de um conselho editorial e a determinação de um quadro de referees, bem como a definição de critérios claros de seleção de trabalhos. Grande parte das revistas avaliadas por Ferreira Neto não apresenta política editorial clara, nem conselho editorial, além de não esclarecer sobre os critérios de seleção adotados. Aspectos esses que necessitam ser observados, tendo em vista que constituem elementos fundamentais do prestígio e da reputação de uma revista. Ferreira Neto ressalta, também, a questão da avaliação dos artigos pela sistemática de arbitragem pelos pares se constitui no coração da editoração. Os pareceristas devem ter formação pertinente ao conteúdo temático da revista e reconhecidos pela comunidade científica. A revisão por pares não é apenas uma rotina do sistema social da Ciência, é também símbolo e garantia de sua autonomia. Outro problema é a produção da área. Existe atualmente carência de contribuições originais e de qualidade na área, visto que apenas quatro revistas apresentaram pelos menos 50% de artigos originais, do total de artigos publicados. Por fim, Ferreira Neto, recomenda a necessidade do caráter permanente e contínuo da avaliação das revistas para estimular a melhoria das revistas, no que diz respeito aos aspectos

formais e a qualidade acadêmica. Ferreira Neto, ao estudar os periódicos científicos reconhece que as investigações sobre impressos vêm crescendo, mas existe um vácuo nas pesquisas de projetos editoriais, quer seja na forma de livros ou periódicos – revistas, jornais.

Nos valendo ainda das contribuições de Ferreira Neto, localizamos sua análise específica sobre a revista MOTRIVIVÊNCIA considerando os quatro últimos fascículos, correspondentes aos volumes XI (12), XI (13), XI (14) e XI (15). Ferreira Neto chegou as seguintes conclusões: “Levando-se em consideração todos os conjuntos avaliados, o desempenho geral da revista pode ser visualizado da seguinte forma: 1.) Aspectos positivos: - possui qualidade visual e gráfica; - indica titulação e instituição dos membros do Conselho Editorial; - apresenta resumos em português e inglês. Como aspectos a serem aprimorados menciona os seguintes: - apresentar legenda completa nos três locais indicados na ficha de avaliação; - apresentar ISSN na capa; - informar periodicidade em local visível; - incluir nas instruções informações sobre critérios de julgamento dos artigos e exemplos de referências; - apresentar sumário em inglês; - incluir datas de recebimento e aprovação dos artigos; - aumentar a periodicidade de publicação e observar pontuali-

dade; - normalizar as referências; - indicar filiação completa dos autores; - incluir descritores em todos os artigos; - aumentar a quantidade de artigos originais (publica menos de 50% de artigos originais); - classificar as seções por tipo de artigo que publica (artigos originais, artigos de revisão, relato de experiência, etc.).

Os dados apresentados por Ferreira Neto demonstram que a revista MOTRIVIVÊNCIA é classificada como E (fraca), apresentando aspectos que ainda precisam ser melhorados, tanto de normalização como de conteúdo. Aponta como melhorias necessárias à normalização - fator essencial para a indexação. Necessário também segundo Ferreira Neto é a definição clara sobre a qualidade acadêmica dos artigos. A revista MOTRIVIVÊNCIA precisa apresentar de maneira explícita seções baseadas nesta definição (artigo original, artigo de revisão, estudo de caso, etc.). Deve priorizar a publicação de artigos originais e de artigos de revisão e aumentar sua frequência de publicação, já que a divulgação pressupõe a adoção de padrões editoriais consistentes e a manutenção de uma periodicidade pontual e previsível. Vale ressaltar

que segundo dados do Qualis – Classificação de Periódicos, Anais, Jornais e Revistas - da CAPES, a MOTRIVIVÊNCIA recebeu o conceito C, significando que necessita superar contradições e problemas internos.

Em síntese, o que constatamos nas contribuições de Ferreira Neto e sua equipe¹⁷ é que os estudos trazem com muita rigorosidade a explicitação da lógica interna, tanto da forma quanto do conteúdo das revistas. Trazem, portanto, com muita propriedade, indicações de cada variável analisada para avaliar os periódicos científicos. No entanto, sentimos necessidade do aprofundamento das análises explicativas, principalmente em relação às determinações históricas, as explicações quanto às relações e nexos entre singular, particular e geral. Ou seja, as relações entre as dificuldades e barreiras enfrentadas por uma revista que se propõe a contestar a ordem vigente, a base material – relações trabalho e capital – que determinam a super estrutura educacional, científica & tecnológica. O aprofundamento dos processos de mediações no enfrentamento das contradições

provavelmente permitiria radicalizar a crítica ao modo como o capital vem organizando e destruindo a vida na sociedade. E mais, provavelmente, colocaria a necessidade vital e, portanto, problemática científica, da alternativa ao capitalismo, que se expressa também, em linhas editoriais de revistas e nas demais variáveis analisadas. Portanto, para apreender o que defende a MOTRIVIVÊNCIA enquanto parâmetro teórico-metodológico e a avaliação desta orientação, necessitamos de uma profunda contextualização histórica que radicalize .

Motrivivência: os textos no contexto

A partir da compreensão do que é ciência & tecnologia nas relações capitalistas, da compreensão dos problemas que vivem os periódicos científicos buscamos agora compreender o sentido e significado da existência de um periódico que predominantemente veiculou temáticas relacionadas com a crítica ao modo de produção capitalista e sua expressão no campo educacional e da educação física & esporte

e lazer, indicou possibilidades superadoras, tanto no que diz respeito a projeto histórico, de formação humana, quanto de escolarização e de práticas corporais & esportivas.

Tais indicações são evidentes nos 17 volumes que sistematizamos, organizamos em um quadro anexo e analisamos, compreendendo o período de 1988 a 2000¹⁸. Para exemplificar tomamos a seção “editorial” inicialmente escritos pelo próprio editor, Mauricio Roberto da Silva, fundador da revista que os assina até o Ano IX, nº 10, Dezembro de 1997, fazendo-o posteriormente com a companhia de Giovani de Lorenzi Pires até o Ano XIII, nº 19 – Dezembro/2002. Do primeiro, – Ano I, Nº I Dez. 1988 -. Tais editoriais anunciavam a partida em busca do novo, do inédito, do libertário, a defesa da democracia e a disposição de enfrentar concepções errôneas, de olhar o nordeste a partir da dimensão geopolítica e não somente geofísica. Demarca-se assim, a partir da linha editorial da MOTRIVIVÊNCIA, a sua própria identidade – a luta em busca da superação do que gera a miséria humana, a pobreza, a injustiça. Com uma

posição teleológica clara –a partir da crítica ao real -, com uma judicatividade anunciada – posição de classe, as classes populares – diagnosticava-se a miséria, a pobreza, a destruição da humanidade. Buscava-se, partia-se. A frase de Bertolt Brecht, “O que está, por ser como é, não vai ficar tal como está” deixava claro o caminho a ser trilhado. E pelo estado avançado da razão, a poética, buscava-se a partida. Cada ponto de chegada representou uma nova partida. Após quinze anos, dezessete volumes, até o Nº 19 – dezembro de 2002, continua sendo necessário partir, agora para o enfrentamento das contradições identificadas na linha editorial, nas relações entre editor, autores, pareceristas, conselho editorial. Enfrentar os limites apontados nos estudos de Ferreira Neto, mas fundamentalmente, superar as contradições identificadas, agora pelos editores, Maurício e Giovani. Enfrentando não só o que compromete a qualidade formal da revista mas, também, o que compromete a sua linha editorial, a sua linha política, radicalizar a construção de uma nova cultura científica.

O editor fundador da revista sempre apaixonado, na perspectiva gramsciana de paixão, procurou não incorrer no erro dos intelectuais em retirada, erro que consiste em saber sem compreender e, sobretudo, sem sentir e sem se apaixonar.

Como ressalta João Francisco (1987), em seu livro *Uma Pedagogia da Revolução*, “só, pois, a vinculação intelectual/camadas da classe popular, conhecimento/paixão, saber/política pode produzir algo novo em nossos “arraiais”.

Nos exemplares da MOTRIVIVÊNCIA seguem-se editoriais poéticos e fotográficos todos fazendo alusão à miséria e à pobreza na qual uma parte significativa da humanidade está submersa, conclamando a sua superação. Diagnósticos são apresentados, como por exemplo na revista XI, n.º 14, Maio/2000 sobre a globalização da miséria e movimentos sociais de resistência são reconhecidos como por exemplo, o movimento democrático de luta nacional pela terra, como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e transnacional como o EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional. Outro exemplo da linha editorial está na revista Ano X, nº 11 – Setembro de 1998. O tema era políticas públicas e o editorial refere-se à política econômica imperialista. As categorias utilizadas, os autores e movimentos sociais mencionados nos editoriais e nos próprios textos dos pesquisadores que publicaram na MOTRIVIVÊNCIA deixam claro a linha política da revista. Foram anos de enfrentamento dos problemas para mantê-la – arrocho salarial,

privatizações, poucos investimentos públicos, divergência internas. A sustentação financiada da revista que repercutiu na sua normalização foi patrocinada, inicialmente, pelo SESI-DN. A definição de seções, artigos encomendados, demandas avaliadas, e principalmente, recursos buscados com tenacidade vão delineando uma revista resistente. Não foram poucas as investidas nas agências oficiais, sem êxito. Os critérios formais prevaleciam – os pareceres eram “não tem regular sua periodicidade”. E a revista ficava cada vez mais a mercê de pressões de financiamentos. Os editoriais, com o passar dos anos, tornavam-se cada vez mais consistentes e longos. Um pode ser destacado como representativo do avanço rumo a consistência teórica e política da revista – ANO IX Nº 10, dezembro de 1997. O título “O saco de maldades neoliberal e a ginástica cotidiana do salve-se quem puder e do cada um por si e deus por todos” deixa evidente a severa crítica ao modelo capitalista e suas políticas neoliberais. O editorial é encerrado com a célebre frase “(...) o que não me mata, me deixa mais vivo”. E lá estão citados do escritor português Saramago a Manacorda, Otávio Ianni, Oswaldo Cogiolla, Ricardo Antunes, Marx entre outros.

Abrindo a revista ilustrações, poemas, retratos, frases de

homens ilustres e que se distinguiram nas lutas libertárias, homens de índole socialista como Josué de Castro, João Cabral de Melo Neto, Maurício Tragtenberg entre outros. As temáticas da revista sempre instigantes vão se delineando desde os esboços e títulos na capa até o corpo da revista com os textos relacionados à mesma. Do confronto entre o homem velho - segurando o estandarte com as concepções tradicionais da educação física ao novo homem – segurando o estandarte das novas concepções, passando pelo corpo, a educação física escolar e as políticas públicas, a pesquisa, a teoria & prática, o jogo e o brinquedo, a globalização e profissionalização, as políticas públicas, os elementos teórico-metodológicos, os movimentos sociais, educação física, corpo e sociedade, educação física, esporte lazer e mídia, esporte, lazer e gênero, as temáticas acompanharam os mais prementes e candentes temas, em cada ano de sua existência.

As demais seções foram refletindo a temática, as ilustrações, o editorial. Textos foram encomendados e vamos encontrar na MOTRIVIVÊNCIA nomes de autores nacionais como o de Cristóvam Buarque, Pedro Demo, Frei Beto, José Camilo dos Santos Filhos, Sílvio Gamboa, Antonio Angulo, Helena Freitas, Roberto Romano, Selvino

Assmann, Maria da Glória Gohn e internacionais como Manoel Sérgio, Uwe Miler, Reiner Hildebrandt, Jürgen Dieckert, colaboradores da revista. Nestes nomes refletia-se na época o central do debate proposto – Movimentos Sociais, Políticas públicas, Globalização, e outras temáticas.

As seções foram se conformando – desde seções humorísticas, a experimentos, pontos de vista, entrevistas, informações em geral, grupos de pesquisa, porta aberta, monografias, dissertações e teses, até a seção de artigos científicos. Novas formas de organização do trabalho pedagógico para a produção do conhecimento científico passam a ser anunciadas na revista. Grupos de pesquisa se expõem e apresentam suas organizações de trabalho. Podemos identificar a partir daí que algo novo passa a ser anunciado, grupos de pesquisa que buscam outros processos de trabalho pedagógico que não a tradicional hierarquia científica próprios da divisão social do trabalho capitalista.

Quanto aos temas, abordagens e conhecimentos veiculados nas diversas seções vamos encontrar autores com produção teórica consolidada na área da Educação Física como Apolônio Abadio do Carmo, Medina, Escobar Souza e Silva, Rezende, Nelson Carvalho Marcelino, Tarcício Vago, Vitor Melo,

Aguinaldo Gonçalves, Viktor Shigunov, Freire, Soares, Palafox, Mauro Betti, Elenor Kunz, Alfredo Gomes de Faria Junior, Heloisa Turini Bruhns, entre outros, bem como autores de outras áreas como Gaiarça, Tizuko Kishimoto, Roberto Romano, Frei Beto, entre outros. Os jovens iniciantes e estudantes da graduação que buscaram o espaço da MOTRIVIVÊNCIA para apresentarem suas elaborações, com diferentes graus de complexidade e nível de desenvolvimento teórico, também tiveram suas oportunidades de publicação. Porta aberta distingue-se pela oportunidade aberta aos jovens estudantes. As seções foram acompanhando a própria evolução da área no que diz respeito à produção científica.

É evidente que o periódico refletiu além das temáticas, as abordagens predominantes na produção do conhecimento. Temos a evidência que a maioria dos trabalhos situa-se na abordagem fenomenológica hermenêutica, com pouco rigor científico, situação esta que reflete onde o conhecimento foi produzido, ou seja, nas Instituições de Ensino Superior, nos programas de pós-graduação. A crítica a tais abordagens já foi exemplarmente tecida na dissertação de mestrado e na tese de doutorado de Rossana Valéria de Souza e Silva. As avaliações coletivas foram expressas no

interior do CBCE e em outros periódicos e livros. O que nos cabe é tratar de uma outra etapa da produção do conhecimento que é justamente a sua veiculação e contextualização, porque urge criar uma nova cultura, uma cultura socialista, e não podemos ser indiferentes à expressão deste propósito no interior da MOTRIVIVÊNCIA. Ao analisar o conteúdo dos textos a alusão das críticas ao capitalismo e sua cultura, as alusões a perspectiva de transformação social são evidentes. A utilização de referências críticas, tanto clássicos como Marx, Gramsci, como interlocutores de clássicos na área de ciências sociais e humanas são evidentes.

Destacamos também a contribuição de Gamboa à MOTRIVIVÊNCIA, porque nos indica uma boa avaliação das pesquisas e suas abordagens teórico-metodológicas. Gamboa ressalta que a epistemologia concebida como Teoria Crítica do Conhecimento, tem na filosofia seus fundamentos e na produção científica seu objeto, apresenta importantes subsídios teóricos e metodológicos para entender essa produção, no contexto dinâmico da totalidade social, e permite recuperar a tensão crítico operativa entre a filosofia e a ciência. A filosofia contribui assumindo sua função crítico reflexiva frente à ciência, e esta última, desenvolvendo sua ca-

pacidade de auto-reflexão. A avaliação das pesquisas e sua veiculação em revistas permitem identificar, analisar e criticar as tendências teórico-metodológicas, permite também apontar contradições e possibilidades e, a necessidade de novos estudos sobre a produção científica.

O que constatamos é que na MOTRIVIVÊNCIA a veiculação de abordagens, denominadas empírico analíticas e que integram pesquisas empiristas, positivistas, sistêmicas e funcionalistas, não têm predominado. A predominância é das pesquisas fenomenológico hermenêuticas. As pesquisas crítico dialéticas, apresentam um significativo índice, mas não superam a abordagem fenomenológica-hermenêutica.

Nestas constatações o importante não é o fator quantitativo da evolução das abordagens metodológicas, mas a progressiva abertura das opções. A progressiva presença de novas opções permite um confronto entre elas, permite a identificação de contradições, limites, possibilidades, gerando a necessidade de novas informações, novos conteúdos para as disciplinas responsáveis pela fundamentação da pesquisa e novas atividades que visem a formação do pesquisador. Os novos conhecimentos que explicitam as especificidades, potencialidades e limitações das di-

versas tendências, clarificam as opções do pesquisador e qualificam sua produção. Esta tarefa histórica cabe principalmente as instâncias de formação dos pesquisadores e de produção do conhecimento científico, portanto, preferencialmente a universidade.

Conclusão - partir e resistir

Pela partida, sempre, pela partida, em busca, agora com mais precisão e exatidão sobre projeto histórico, ciência & tecnologia, projeto de escolarização, formação humana, currículo, teoria e prática porque foram quinze anos de experimentação, estudos e pesquisas veiculadas em um contexto de acentuação da barbárie. Quinze anos de existência e convivência com as políticas neoliberais e com o avanço da tendência destrutiva do capital. Foram quinze anos resistindo. Partir para enfrentar os problemas e as barreiras que todos os periódicos científicos enfrentam em um país que investe muito pouco em ciência & tecnologia, em um país onde a universidade pública, principal centro gerador de pesquisa, está em franco desmonte e destruição, onde não conseguimos instalar uma ampla base nacional educacional científica & tecnológica de qualidade única em decorrência do avanço das forças imperialistas aliadas a

uma perversa burguesia nacional que prefere ver a nação subsumir a repartir a riqueza.

Enquanto parâmetro teórico-metodológico o projeto de formação humana emancipatória, de construção da sociedade alternativa ao capital, das abordagens epistemológicas críticas, são anúncios na MOTRIVIVÊNCIA, em seus quinze anos de existência e resistência, se não com todo o rigor científico, periodicidade e normalização que a ciência exige, mas com toda a determinação e vontade política que as circunstâncias impõem. Urge dar continuidade e consequência a tal projeto de editoração, avançando, no projeto gráfico, no rigor científico, na clareza da linha editorial, nas relações profícuas entre editor, autores, avaliadores, conselho editorial, com agências financiadoras públicas e, fundamentalmente, com a população em geral, com as amplas massas, com as classes populares.

Como nos diz Gramsci

“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais” significa, também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.” (GRAMSCI, 1978:13-14).

A este projeto não podemos ser indiferentes porque

“A indiferença opera poderosamente na história...O que acontece, não acontece tanto porque alguns querem que aconteça, mas porque a massa dos homens abdica da sua vontade, deixa fazer, deixa agrupar nós que depois só a espada poderá cortar, deixa promulgar as leis que depois só a revolta fará anular, deixa exercer o poder a homens que depois só um motim poderá derrubar” (GRAMSCI, 1976, p. 121).¹⁹

Trata-se, portanto, de ocupar a linha editorial de uma revista combatendo pela propriedade social, pela apropriação coletiva dos grandes meios de produção e de seus produtos, e fazê-lo em escala internacional. Trata-se de um compromisso ético e político com a construção de uma nova sociedade. Isto significa:

“não apenas ter títulos, senão que cada um está obrigado a considerar-se em diante, como um oficial do exército revolucionário que se criará no fogo dos acontecimentos... um único revo-

lucionário numa fábrica, em uma mina, em um sindicato, (...), vale infinitamente mais do que centenas de pequeno-burgueses pseudo-revolucionários, cozinhando-se em seu próprio molho”²⁰

E neste conjunto – fábrica, mina, sindicato, terra, escola, universidade, editor de revista - com este compromisso ético e político, construir a cultura socialista, reconhecemos que se justifica o enfrentamento das barreiras e problemas internos e externos, para editar uma revista com uma linha política clara e definida. A prova de resistência firmada pela MOTRIVIVÊNCIA situa-se no movimento de oposição que com o tempo poderá desafiar o domínio que exercem as estruturas de poder do mercado livre. Petras, em seu texto publicado na revista espanhola AJOBLANCO, intitulado “LA IZQUIERDA DEVUELVE EL GOLPE”²¹, nos alerta sobre a resistência. Os que defendem a socialização do conhecimento, para assegurar seu caráter revolucionário, estão chamados a se organizar em torno das rei-

vindicações e dos interesses da classe trabalhadora, estão chamados a lutar em conjunturas adversas, pela apropriação social dos meios de produção e circulação de bens, entre os quais estão os meios e o produto do processo de trabalho científico. Os fóruns em defesa da ciência & tecnologia devem estar a serviço da democracia popular, cabendo-lhes estabelecer referências de resistência, solidariedade, ética e política para a luta de defesa de direitos e conquistas para a construção da opção socialista, o que significa uma intervenção política com nexos em um Programa Revolucionário, "apoiado na luta de classes (...) e não na psicologia dos falidos amedrontados" (TROTSKY, 1995)²²

Por não nos recusarmos a pensar o que foi decretado impensável é que defendemos a produção e socialização do conhecimento científico em todas as áreas e atividades humanas, a serviço da humanidade e não do mercado capitalista, o que exige a construção da cultura socialista. A linha editorial da MOTRIVIVÊNCIA aponta neste sentido e deve, portanto, radicalizar esta posição.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- BENJAMIM, César (et.al.) A opção brasileira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- BORGES. Reflexos da automação na consciência operária. In: Princípios. N. 26 Agosto/setembro/outubro, 1992 p: 35-41
- CASTRO, R. C. F.; FERREIRA, M. C. G.; VIDILI, A. L. Periódicos latino-americanos: avaliação das características formais e sua relação com a qualidade científica. Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 3, p. 357-67, set./dez. 1996.
- CAVALCANTI, Newton. Unidade de doutrina. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, jun. 1932a.
- . Unidade de doutrina. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, jul. 1932b.

- CHAVES, Márcia; GAMBOA, Silvio; TAFFAREL, Celi. Prática pedagógica, produção do conhecimento na educação física & esporte e lazer. Alagoas, EDUFAL, 2003.
- GAMBOA, Silvio. Epistemologia da Pesquisa em Educação, Campinas, Praxis.1998
- COGGIOLA, Oswaldo e KATZ; Cláudio. Neoliberalismo ou crise do capital? São Paulo: Xamã, 1995
- COGGIOLA, Oswaldo, BRAGA; Ruy, KATZ, Cláudio. Novas tecnologias. Critica da atual reestruturação produtiva. São Paulo: Xamã, 1995
- COGGIOLA, Oswaldo. Marxismo, Ciência, Educação. In: Universidade & Sociedade. Ano VI N. 11 Junho 1996. P: 83-103
- COGGIOLA, Oswaldo. Universidade e Ciência na crise global. São Paulo. Edições Pulsar, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo, Cortez, 1992.
- FERREIRA NETO, Amarílio. Avaliação dos periódicos científicos da educação física. O caso da Motrivivencia. www.proteoria.org
- FERREIRA NETO, Amarílio. A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880 – 1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.
- FORRESTER; Viviane. O Horror Econômico. São Paulo: UNESP, 1997
- GREENE, Lewis Joel. O dilema do editor de uma revista biomédica: aceitar ou não aceitar. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 2, 1998.
- GLUCKSTEIN, Daniel. O Imperialismo Senil. São Paulo: OT- Seção Brasileira da IV Internacional. S/D.
- GUIMARÃES. Edilene. A formação técnica profissional: Dos ruídos do “: bate-estacas” aos “bytes” da informática. Recife/PE. Mestrado Educação/CE/UFPE Dissertação (mestrado) 1998, 152 p.
- KRZYZANOWSKI, R. F. e FERREIRA, M. C. Gonzaga. Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 2, p. 165-175, maio/ago. 1998.
- KRZYZANOWSKI, R. F. et al. Programa de apoio às revistas científicas para a FAPESP. Ciência da Informação, Brasília, v. 20, n. 2, 1991.
- LEITE, José Correia, AGUIAR, Flávio (Coord.). Mundo do Trabalho. In: Teoria & Debate Ano 9 n. 31 abril/maio/junho/96.P: 3-12
- LESBAUPIN, Ivo (org.) O Desmonte da Nação. Balanço do Governo FHC. Petropolis/RJ: Vozes, 1999.
- MACHADO, Lucilia. Mudanças tecnológicas e Educação do

- operário. In: Princípios. N. 23 Nev/Dez/91 janeiro/92 P: 42-48
- MARX, K. O Capital. São Paulo, Abril Cultural Volume I, Livro Primeiro, Tomo 1, 1983, pp.149-150
- MÉSZÁROS; István. O século XXI. Socialismo ou barbárie. São Paulo, Editorial Boitempo, 2003.
- MOLINA, Antônio de Mendonça. Importância da educação física para um povo: o método adotado. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, jul. 1932.
- MOTRIVIVÊNCIA, Ano I, nº 01, dez., 1988; Ano I, nº 2 Junho, 1989; Ano II, nº 3 Janeiro, 1990; Ano IV, nº 4, junho 1993; ANO V, nº 4, 5, 6, Dezembro de 1994; Ano 07, nº 08n Dezembro de 1995; Ano VIII, nº 9 dezembro, 1996; Ano IX, nº 10, Dezembro 1997; Ano X, nº 11, Setembro de 1998; Ano XI, nº 12 Maio, 1999; Ano XI, nº 13 Novembro, 1999; Ano XI, nº 14 Maio, 2000; Ano XI, nº 15, Agosto, 2000; Ano XII, nº 16, Março, 2001; Ano XII, nº 17 Setembro, 2001; Ano XIII, n. 18, Março, 2002; Ano XIII, nº 19 Dezembro, 2002.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001a.
- OLIVEIRA, Pedro. Mídia: Um poder maior que o de Hitler. In: Princípios. N. 23 Nev/Dez/91 janeiro/92 P: 57-63
- PAULINO, Luis. Ascensão e Queda do fordismo. In: Princípios. N. 23 Nev/Dez/91 janeiro/92 P:49-56.
- SOBRAL, Fernanda. A produção e apropriação social da pesquisa científica e tecnológica - uma discussão no capitalismo dependente. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. N. 67 (156): 287-305, maio/agosto, 1986.
- SOUZA; João de F. Uma pedagogia da revolução. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1987.
- SCHWARTZMAN, Simon. A política brasileira de publicações científicas e técnicas: reflexões. Revista Brasileira de Tecnologia, Brasília, v. 15, n. 3, maio/ jun. 1984.
- TAFFAREL, Celi Zulke. As lições derivadas da greve: O reposicionamento da educação e da luta sindical frente a decomposição do capitalismo. Minas Gerais. In: Revista da APUBH. 1998

ENDEREÇO: LEPEL FACED UFBA v. Reitor
Miguel Calmon S/N Vale do Canela. Salva-
dor Bahia - CEP 40110-100

Fone (71) 01386904 ou (71) 263 7241
e-mail taffarel@ufba.br

Recebido: agosto/2004
Aprovado: agosto/2004